

FLUXOS E REFLUXOS: *notas sobre a literatura afrodescendente* de Eduardo de Assis Duarte

Eumara Maciel dos Santos*

Eduardo de Assis Duarte é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte. O autor de *Poéticas da diversidade* discute em *Notas sobre a literatura brasileira afrodescendente*, como denuncia o título, a contingência da produção, aceitação e ressonância da literatura afro-brasileira.

Um sobrevoo histórico, principalmente, numa perspectiva literária descortina, no texto, o apagamento e o silenciamento de toda uma produção afro-brasileira que delata o mito da democracia racial. Este foi pregado por meio de discursos de igualdade de direitos e deveres, porém esvaziados pelo desrespeito ao outro: a chamada alteridade negativa.

Privados foram os leitores de tão vasta teia literária, quão rica e muda, abafada pela mão de uma sociedade movida por uma microfísica que gerencia o “macro poder”: “O poder, na verdade, são relações, um conjunto aberto, mais ou menos coordenado, de relações” (Foucault, 1991, p. 132). O uso dessa citação de Michel Foucault é a tradução cabal para uma possível explicação para tamanha resistência à aceitação do negro numa sociedade híbrida que se diz e se faz branca. É a força que emana das mínimas relações e espalha-se atingindo dimensões maiores, criando o poder, o mesmo exercido pelos feitores em tempos de Brasil colônia e perdura até hoje arraigado em cada instituição que propaga ideais de branqueamento.

A literatura negra é produzida por alguém que se declara negro tal e qual sua escrita, não se esconde pelo medo da discriminação mesmo que o preconceito se dê “por contingências não apenas étnicas, mas principalmente históricas e políticas” (Salgueiro, 2001). O conceito de Brasil racialmente democrático, que elenca a igualdade, mas mascara o antônimo desta, acabou demarcando um lugar para o afrodescendente que, por meio do silêncio, encontrou uma forma de resistência negra.

* Discente do curso de Letras do DCHT XXIV, Xique-Xique, da Universidade do Estado da Bahia. Atualmente pesquisa sobre Literatura Africana. Professora de Língua Portuguesa no Instituto Educacional Evolução – Xique-Xique. BA. Membro do Projeto Claquete – Cinema na comunidade. Membro do Aioká Kianda – Núcleo de Pesquisas e Estudos Africanos e Afro-americanos *Amkoullel, o menino fula*: nuances autobiográficas de um menino fula. Escrita à deriva: redes literárias nas malhas da ficção em língua portuguesa.

À guisa das lutas pela emancipação, os negros despem-se das máscaras brancas mencionadas por Fanon (1983), e traçam linhas que versam sobre o afro-brasileiro de forma não introjetada pelo branqueamento na urdidura da palavra, destacam-se diversos nomes que dormiam sob a sombra do preconceito racial, tais como o de Luiz Gama (1830-1882) e de Maria Firmina dos Reis (1825-1971), fundadores da escrita afrodescendente.

Luiz Gama rende-se a celebrações da beleza da cultura de matriz africana e Maria Firmina dos Reis versa, em *Úrsula*, sobre a voz e a memória de um escravizado, o negro é posto como sujeito. Luiz Gama critica os ideais de branqueamento e Maria Firmina sofreu dupla dominação: por ser negra e por ser mulher. Talvez resida nesses fatos o apagamento da historiografia literária de cunho afro-brasileiro, pois, quando se balbucia algo que possa ameaçar a estrutura de um poder estabelecido – a república e a elite política e social – desperta o medo, pois em meio à mobilização e sensibilização dos negros no Brasil ressoa uma forte voz que pode ser mais audível do que o esperado: o negro como sujeito.

Para teorizar tal luta, foram pertinentes os ideais de Raymond Sayers (1958), com sua narrativa pré-abolicionista, de Gregory Rabassa (1965), focalizando a produção dos meados de 1888 até o século XX, de David Brookshaw (1983), versando sobre a autoria e a representação negra na história e historiografia literária, de Zilá Bernd (1988), apontando a escrita de Luiz Gama como divisor de águas na Literatura Brasileira, de Domício Proença (1988), trazendo Gama como o primeiro poeta a lançar um olhar de dentro para fora, ou seja, de dentro da sua negritude.

Os fluxos e refluxos da historiografia literária de quilate afro-brasileiro denunciam a recepção de uma nova linha literária: o diferente, que concomitantemente é visto com olhos míopes de etnocentrismo tão híbrido quanto cada brasileiro. Lançar luzes sobre tais autores que estão e estiveram na linha de frente nessa guerra contra o preconceito racial é ler e visualizar a riqueza dos escritos afrodescendentes na literatura afro-brasileira, a qual constitui vasta contribuição para a história do brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- DUARTE, Eduardo de Assis; SCARPLLI, Marli Fantini (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, Pós-Lit, 2002. p. 47-61.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Livraria Fator, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *Saber y verdad*. Madrid: La Piqueta, 1991.
- PROENÇA FILHO, Domício. *O negro na literatura brasileira*. São Paulo: Biblioteca Mario de Andrade, 1988.
- RABASSA, Gregory. *O Negro na Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida F. Andrade. *Afro-brasilidade e Literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.